

Ordem e desordem: a dialética da malandragem em “Oscarina”

Order and disorder: the dialectic of trickery in "Oscarina"

Manoel Freire¹
Maria Clediane de Oliveira²

RESUMO: Marques Rebelo adota como espaço privilegiado para ambientar suas narrativas as áreas suburbanas da cidade do Rio de Janeiro, escolhendo como protagonistas indivíduos que representam as classes menos favorecidas da sociedade. Estes personagens, dada a precariedade de sua condição, vivem em situação fronteira entre a ordem e a desordem, a oscilar entre esperança e o desengano, ora vislumbrando a remota possibilidade de ascensão social, ora ameaçados pelo temor da miséria e da marginalidade. Ao fazer isso, o escritor põe em cena dois universos sociais diferentes convivendo lado a lado e pacificamente: o dos que procuram viver conforme os valores da ordem social burguesa e o daqueles que transgredem as leis e os princípios morais e vivem através de artifícios e expedientes ilegais. Este artigo analisa alguns aspectos do conto “Oscarina”, buscando compreender como os universos da ordem e da desordem, ou do trabalho e da malandragem, estão configurados na forma narrativa através da trajetória da personagem Jorge, protagonista da história. Procura demonstrar que as fronteiras entre os dois universos supostamente antagônicos acabam diluídas pelo movimento do protagonista, que transita entre os dois espaços, que se comunicam e interpenetram dialeticamente.

Palavras-chave: Marques Rebelo; narrativa; personagem; dialética da malandragem.

ABSTRACT: Marques Rebelo adopts the suburban areas of the city of Rio de Janeiro as a privileged space to situate his narratives, choosing individuals who represent the lower classes of society as characters. These characters, given the precarious nature of their condition, living in border situation between order and disorder, oscillate between hope and disillusion, sometimes glimpsing the remote possibility of upward mobility, now threatened by the fear of poverty and marginality. By doing this, the writer puts into scene two different social worlds living side by side and peacefully: those who seek to live according to the values of the bourgeois social order and those who transgress the laws and moral principles and live by artifices and illegal means. This article examines some aspects of the short story "Oscarina", trying to understand how the worlds of order and disorder, or work and trickery are configured in narrative form through the trajectory of the character Jorge, the protagonist of the story. We seek to demonstrate that the boundaries between the two supposedly antagonistic universes are eventually diluted by the movement of the protagonist, who moves between the two spaces, which communicate and intertwined dialectically.

¹ Professor de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: manoelfrr@gmail.com

² Mestra em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: cledianeoliveira@hotmail.com

Keywords: Marques Rebelo; narrative; character; dialectics of trickery.

No famoso ensaio “Dialética da Malandragem”, Antonio Candido (1998) analisa o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, mostrando como “a dialética da ordem e da desordem”, elemento estrutural da sociedade brasileira, constitui o princípio formal do livro, de modo que o contexto brasileiro do século XIX constitui a matéria histórica transfigurada na forma romanesca. A proposta de Candido (1998) tem como base a relação que os personagens estabelecem em uma sociedade em que existem dois polos – o da ordem e o da desordem -, de modo que cada um deles está organizado de acordo com a posição que os personagens ocupam em um desses eixos: no hemisfério positivo da ordem estão aqueles que se comportam em consonância com os valores da ordem social burguesa; e, no hemisfério negativo da desordem, os que transgredem as normas e princípios vigentes e vivem através de meios e expedientes ilegais. Esses dois universos convivem lado a lado, pois, como afirma o crítico “ordem e desordem se articulam portanto solidamente” de maneira que “o mundo hierarquizado na aparência se revela essencialmente subvertido” (CANDIDO, 1998, p. 43), haja vista que essas esferas são “extremamente relativas e se comunicam por caminhos inumeráveis” (*Ibidem*, p. 41). Desse modo, os indivíduos circulam livremente entre um polo e outro, ora tendo um comportamento “virtuoso” segundo as normas legitimadas pela ordem oficial, ora agindo em função de interesses e caprichos pessoais, ignorando assim as normas e princípios que regem a sociedade.

Na ficção de Marques Rebelo também podemos reconhecer dois universos que se comunicam e se interpenetram: uma “ordem”, em que prevalecem as normas oficiais e a “ética do trabalho”; e uma esfera da “desordem”, em que as normas são ignoradas e onde prevalece a “ética da malandragem”. Ao retratar a vida carioca da primeira metade do século XX, o autor de *Marafá* elege como espaço privilegiado para ambientar suas narrativas as áreas suburbanas da cidade e, como personagens, aqueles que representam as camadas menos favorecidas socialmente que, entre o sonho de realização e o temor da miséria, acabam muitas vezes empurrados para o mundo da marginalidade e da violência, daí serem levados a práticas ilícitas e a valer-se de artifícios que burlam as normas e os princípios sociais vigentes. É o que se verifica no conto “Oscarina”, que integra a coletânea de mesmo nome, publicada pela primeira vez em 1931.

A narrativa do conto “Oscarina” desenvolve-se em torno da trajetória de Jorge, o protagonista, que abandona a vida pacata e ordeira de estudante pobre que vive na casa dos pais e vai buscar no trabalho um meio de conquistar sua independência financeira, o que lhe possibilitaria também maior liberdade para a vida mundana, segundo acreditava. Jorge abandona os estudos para assumir um emprego de escriturário em uma firma comercial, mas o salário que recebe não é suficiente para suprir suas necessidades, sobretudo os gastos com diversão e farras. A decepção com o emprego o leva a buscar outros meios para alcançar a sonhada independência financeira e a liberdade para a vida boêmia e a malandragem, o que ironicamente ele consegue (ainda que precariamente) ao ingressar no Exército. A passagem da casa dos pais para a vida na caserna marca as duas fases da trajetória do protagonista, pois é a partir desse momento que os laços que o prendem ao ambiente familiar começam a enfraquecer, ocorrendo uma mudança radical nos hábitos e costumes de Jorge, que assume outra identidade ao optar pela vida desregrada e libertina que passa a ter, longe da tutela dos pais.

Jorge é filho do casal Augusto dos Santos e Dona Carlota. O pai é terceiro-oficial do Ministério da Marinha, funcionário exemplar, homem de costumes austeros e disciplina rígida, capaz de sacrificar quaisquer interesses pessoais em nome dos bons costumes e dos princípios morais. Dona Carlota é igualmente honesta, mas sem a rigidez disciplinar do esposo, representa a dona de casa exemplar que dedica sua vida a cuidar da família e dos afazeres domésticos. Obediente ao marido, sua personalidade submissa evidencia-se em várias situações da narrativa, em que é recorrente a imagem da mulher que está sempre temerosa de contrariar o esposo, como nos mostra o narrador numa cena em que Santos lhe ordena trazer farinha para a mesa: “A mulher saiu correndo, medrosa” (REBELO, 2002, p. 14); bem como numa situação em que ela precisa interceder pelo filho: “Fora quando a mãe, a medo, entrara pela primeira vez no meio da resolução dum problema doméstico mais elevado”; pois “Dona Carlota tinha medo. Insistiu só, fracamente, com a voz trêmula” (*Ibidem*, p. 19). Portanto, a ordem oficial é “imposta” em casa pela rigidez do “pai de família exemplar”, tratando-se, portanto, de uma família tradicional, constituída segundo o modelo patriarcal em que o pai é provedor e chefe da casa, cabendo aos demais obedecê-lo, já que dele dependem.

Apesar dos poucos recursos financeiros da família, como é o caso da maior parte dos personagens de Marques Rebelo, Santos não media esforços para que Jorge pudesse estudar e

tornar-se “doutor”, título que lhe daria orgulho ao imaginar a glória e a satisfação que seria ver o filho formado, daí opor-se à sua decisão de abandonar estudos: “O pai se opusera, com vontade que ele fosse doutor, único filho, que diabo! Valia a pena. Sempre era uma honra para a família e para ele, principalmente, que era o chefe. Devaneava: [...] Que gozo! Doutor...Cantava-lhe nos ouvidos como uma música no céu” (REBELO, 2002, p. 19). A atitude de Santos revela um comportamento comum na sociedade brasileira de princípios de século XX, em que os privilégios garantidos pelo diploma universitário motivavam a corrida pela formatura. O pai de Jorge pretendia compensar sua falta de estudos e de oportunidades para subir na escala social orientando o filho nessa direção, o que também lhe conferia certo *status*. Entretanto, se Santos desejava que Jorge conseguisse um título que lhe permitisse ascender socialmente e obter uma vida melhor, o rapaz, embora também quisesse isso, acreditava que o “emprego” seria um meio mais simples e fácil de conquistar a independência financeira e libertar-se da tutela dos pais, como desejava, conforme sugere o narrador:

Agira como um babaquara tomando birra ao estudo à toa, porque tinha até muita sorte: estudava pouco e passava em tudo quanto era exame. Raspando, mas passava, e era o que valia. Tinha, porém, inveja dos camaradas empregados que não estudavam, que não ficavam mais magros por não saberem os teoremas de geometria, nem os verbos irregulares ingleses dos quais o Benzabat atulhava treze páginas, o bandido, e tinham – felizardos! – a noite inteira para jogar na gandaia. E as festas do Ginásio, do Orfeão, do clube Euterpe!... Aquilo, sim, é que era vida! Por aquilo era que ansiava (REBELO, 2002, p. 18-19)

Na contramão do desejo e dos esforços do pai, Jorge nunca demonstrou dedicação aos estudos, pois se em adulto a sorte o ajudava a passar em testes mesmo “estudado pouco”, quando criança contava também com auxílio de pistolões, “que dona Carlota, pondo de parte a timidez, se matava para arranjar empenhos” (*ibidem*, 2002, p. 23), informa com ironia o narrador, sugerindo a vocação do protagonista para malandragem. Observa-se, portanto, que desde cedo Jorge percebe, inclusive através das atitudes da mãe para protegê-lo, que é possível alcançar resultados positivos utilizando artifícios e atalhos que dispensam o esforço pessoal.

Já crescido, Jorge começa a frequentar ambientes como casas de jogos, clubes e festas, passando a desejar uma vida boêmia e livre, como a que desfrutavam os jovens da pequena burguesia, de condições superiores à sua. Mas, dada a rigidez e a disciplina do pai, somadas às limitações econômicas da família, era impossível para ele acompanhar o ritmo e os hábitos

de jovens de sua idade e de condição superior. Sentia inveja daqueles que não precisavam gastar horas com livros para aprender teorias e decorar fórmulas rebarbativas e ainda tinham tempo para diversão nas noites cariocas, pois essa era a vida que desejava:

Invadia-lhe uma inveja mórbida e constante dos vizinhos, o Jonjon – que apelido! -, o Cazuza, o Gabriel, que comprara uma barata amarela. Estava escrito que aquilo de estudar não era para ele, não. Precisava, quanto antes, mudar de vida, senão arrebatava. Cair na gandaia como os outros, gozar enquanto era moço. Se ainda tivesse dinheiro... A mesada do pai era uma miséria, sessenta mil-réis, não chegava para nada. Reconhecia: coitado do pai, não podia dar muito, já até dava demais. Mas se enfurecia imediatamente: se não pudesse, que o deixasse livre, que ele não estava para viver com sessenta mil-réis até o dia de se formar. Que não empatasse com a tal mania de querer que ele fosse doutor! Doutor... Grande coisa! Todos eles uns jumentos! (REBELO, 2002, p. 24).

Arranjar uma ocupação que lhe permitisse ganhar o necessário para viver de forma independente passa a ser o objetivo mais urgente do protagonista. Em sua concepção, a vida que o pai desejava lhe proporcionar o privaria de qualquer tipo de liberdade, ao passo que o trabalho representava a única forma de obter a independência financeira imediata e, assim, poder visitar os mesmos lugares que os colegas de classe mais abonada frequentavam, já que a mesada que o pai lhe dava não era suficiente para despesas com diversão. É movido por esses interesses que Jorge abandona a vida pacata de estudante pobre sustentado pelo pai, abrindo mão de uma mesada que, apesar de modesta, possibilitava-lhe viver sem maiores preocupações. No afã de alcançar resultado rápido e imediato para seus esforços, decide buscar emprego e consegue uma vaga de escriturário em uma firma comercial, abandonando assim os estudos e sepultando as esperanças da família de vê-lo formado. Decisão que selaria o seu destino de rapaz pobre, cujas consequências o pai silenciosamente antevia, conforme enuncia o narrador:

Jorge dera um dia uma grande cabeçada deixando de estudar para ir ganhar a vida, outra vida melhor do que a que lhe dava o pai como estudante, fácil, despreocupada, cinemas com abatimento, suas brincadeiras à custa de colegas abonados como o Décio, o perdulário. É o destino. Abandonara tudo para trabalhar, que se metera esta ideia na cabeça, e entrou para Sousa Almeida & Cia., negociantes em grosso (fumos, cachimbos, artigos para fumantes e geral), um sobradão na rua do Rosário (REBELO, 2002, p. 15).

É interessante notar o tom pessimista que o narrador imprime ao texto dando voz ao sentimento de Santos, por meio da técnica do discurso indireto livre. Ao relatar como o

protagonista decidiu abandonar os estudos para buscar uma “vida melhor” através de um emprego, mas que acabara fazendo um mau negócio, o narrador afirma ser obra do “destino”. Essa visão fatalista está presente na maior parte das narrativas de Marques Rebelo e constitui um traço marcante de sua literatura, em que o pobre dificilmente ascende a uma posição social superior à que lhe fora dada por nascimento.

A decisão de Jorge fora de fato “uma grande cabeçada”, e é a partir de então que começa seu declínio. Ao começar a trabalhar na companhia, no primeiro mês o personagem percebe que se enganara: “Bem estava vendo que era a besta de carga, mas no fim do mês contava receber grosso; também, calculava, negociantes em grosso eram eles” (REBELO, 2002, p. 15). Com a expressão “besta de carga” o narrador sugere a precariedade da situação de Jorge, que se submete ao regime de exploração por parte dos patrões, assemelhando-se a trabalhadores e operários submetidos a regime de trabalho de quase escravidão. Acreditando que seria bem remunerado, Jorge cumpre suas tarefas com empenho e dedicação, porém sofre grande decepção ao receber o primeiro salário: “Mas qual!... Foi uma desilusão! Cento e vinte mil-réis só. Deve ser engano, matutou, que de enganos anda o mundo cheio. Tinha a ingenuidade dos que saem dos carinhos caseiros, prenes de facilidades e larguezas” (REBELO, 2002, p. 15).

Enquanto vivia na casa paterna, Jorge não tinha grandes preocupações, acostumara-se a receber o modesto dinheiro sem dispender grandes esforços, já que os pais o protegiam e lhe davam o necessário, de acordo com suas posses. Isso o tornara um jovem inexperiente, que não conhecia a realidade na qual viviam os trabalhadores em geral, submetidos a duros trabalhos por uma quantia insignificante que mal dava para as necessidades básicas, muito menos para “gozar a vida”, como tanto almejava. Na sua ingenuidade, pensa ter havido engano por parte dos patrões no tocante ao valor recebido, custa a acreditar que o jeito fácil e rápido com o qual esperava ganhar dinheiro falhara e ele continuaria na mesma situação de pobreza, agravada agora em função de responsabilidades que precisava assumir, daí sua indignação ao receber os cento e vinte mil-réis de salário:

Teve ódio do velho Souza Almeida; sentiu ímpetos de voltar, entrar pelo escritório adentro, aquele escuríssimo escritório, no fundo da loja, onde a Nair, datilógrafa, definhava de tanto escrever cartas para o interior, e estraçalhá-lo a murros e pontapés, quando se lembrou da manhã em que fora tratar o emprego, uma manhã alegre, as casas parecendo sorrir ao sol outonal. Tinha ido com a roupa azul-marinho, a melhorzinha, que a mãe

passara a ferros com cuidado. Souza Almeida prodigalizou-lhe com gentilezas (REBELO, 2002, p. 16).

Para demonstrar aos pais sua insatisfação com o valor recebido por um mês de trabalho, Jorge encena um drama em que é protagonista e vítima de uma grande injustiça. Mostra-se revoltado, ofendido, descreve com vigor seu trabalho árduo, sua luta diária na companhia e a forma como está sendo injustiçado. O pai, por sua vez, como pessoa experiente, age com certa frieza, resumindo sua reação apenas com a frase “A vida é isto”, ou seja, assumindo o discurso do pobre resignado, mas também do sujeito que, ciente da precariedade de sua condição, compreende as dificuldades para o pobre galgar patamares mais altos.

Durante o tempo em que vive sob a rigidez da disciplina de Santos, Jorge faz parte do mundo da ordem, isto é, do universo no qual se situam os que procuram seguir os princípios e normas que regem a sociedade regulada pela ordem burguesa. Contudo, à medida que passa a agir por conta própria e tem a primeira decepção, uma espécie de primeiro choque com o mundo começa a mudar sua sobre a sociedade e procura adaptar-se aos mecanismos sociais que tem diante de si:

Esteve aos três por dois para pedir ao pai: “Eu quero continuar os meus estudos.” Que o pai abriria logo os braços, sabia muito bem, mas temeu ver-lhe cortada a liberdade que adquirira e preferiu ficar com ela, passando misérias, pedindo dinheiro à mãe, que o tirava com dificuldade das despesas da casa, comprando menos carne, atrasando um pouco a conta da padaria, inventando consertos no fogão, de maneira que seu Santos não desconfiasse. Pensou em sair do emprego e arranjar com calma um outro, mas pôs logo de parte este pensamento (REBELO, 2002, p. 26).

Ao perceber as consequências de sua escolha, o protagonista hesita um pouco vendo o que está deixando para trás, mas logo fica resoluto a seguir com seus planos, afinal, mesmo ganhando pouco ainda tem a sempre almejada liberdade, e não quer perdê-la novamente, voltando a viver sob a tutela dos pais. Não ganhando o suficiente para suas despesas, Jorge aceita sem constrangimentos o dinheiro que a mãe lhe dá, mesmo sabendo que é proveniente das economias domésticas e sem o conhecimento do pai. A partir de então se envolve definitivamente com os “encantos”, da malandragem, aderindo a artifícios com vistas a alcançar bons resultados com pouco esforço, percebendo que não adianta esforçar-se, cumprir todas as obrigações e atividades do trabalho se não será bem remunerado ao final do mês, de

forma que a saída que lhe parece mais adequada é começar a levar o emprego na “moleza”, sem canseira nem preocupação: “Melhor seria se aguentar até as coisas melhorarem e foi o que fez. Esfaltar-se é que não, uma ova! Para quê?” interroga-se, para então concluir: “Uma beleza o tal de trabalho dali por diante. Calma no Brasil! Nada de fazer força inutilmente, nada de canseiras sem proveito” (*Ibidem*, p. 26).

Com o decorrer do tempo a vida parece ajustar-se aos planos de Jorge, na mesma medida em que este adapta-se à nova situação, dando-se por satisfeito com a posição alcançada:

Ao fazer dois anos de casa, com o ordenado sempre crescente, recebeu novo aumento e ficou com os seus duzentos e cinquenta mil-réis. Com casa e comida, conjeturava, era negócio, casa e comida, se compreende, à custa do pai. Não tinha muito que se queixar, pois, agora, a vida corria-lhe mais ou menos como ele a concebera, vazia, vagabunda, com maxixes repinçados e chorosos em clubes mambembes e noitadas orgíacas na *Mère Louise* (o automóvel pago por vaquinha) muito regadas a chopos e ditos pornográficos da Claudina, mulatinha do outro mundo, que já tomara lisol por ciúmes dum sargento da Polícia (REBELO, 2002, p. 27).

Jorge não consegue melhorar sua condição econômica através do trabalho, muito menos se torna independente. Mas como seu verdadeiro objetivo é poder desfrutar de uma “vida fácil”, sem grandes esforços e sacrifícios, parte de seu plano se torna realidade, pois agora ele vive sem preocupações, sem responsabilidade, pode curtir as festas das noites cariocas regadas a bebida e mulheres, o que só é possível porque permanece vivendo à custa do pai. As expectativas e esperanças em relação ao rapaz alcançar um futuro promissor se tornam cada vez mais frustradas, haja vista que o caminho mais seguro ele deixara para trás ao abandonar os estudos, desfazendo-se assim da possibilidade de melhorar sua condição social.

Quando já está acomodado e resignado com a nova situação, Jorge reencontra Zita, amiga de infância por quem se apaixona, mas o grande problema viria em seguida, quando a pede em casamento: “Ao chegar em casa, deitado na cama, pronto para dormir, é que se lembrou da face financeira da proposta. Como poderia se casar com duzentos e cinquenta mil-réis por mês?” (REBELO, 2002, p. 29). Aqui o protagonista volta ao mesmo dilema que presenciamos no início do conto: a necessidade de um trabalho, desta vez para poder casar-se.

Zita é filha de um oficial do Exército e possui os atributos para ser considerada uma boa esposa e dona de casa dedicada, mas a falta de recursos ainda é o grande empecilho para

Jorge. O fato de a moça fazer parte da esfera da ordem e do trabalho, como seu pai, sugere a possibilidade de o protagonista abandonar o universo da malandragem e voltar para o ambiente doméstico e familiar, o que não acontece. Como não tem posses, Jorge traça outro plano para sua vida: “Pronto, tinha uma ideia! Uma ideia brilhante e salvadora! Iria assentar praça no Exército como voluntário. Teria assim um ano e tanto de espera forçada, quando saísse entraria para um ministério” (REBELO, 2002, p. 30).

Ironicamente, o desejo de conquistar a independência financeira e a liberdade leva Jorge a ingressar no Exército, instituição em que impera a ordem e a disciplina, segundo se supõe. Entretanto, ao invés de um ambiente regido por normas rígidas o que se desvela para o protagonista é um universo de regras frouxas, em que impera a corrupção, onde é constante a infração da norma. Não tarda para Jorge perceber que os superiores ameaçam aqueles que não cumprem as regras, mas a disciplina não passa de efeito retórico, pois ninguém é punido por infringir as normas. Isso faz com que o protagonista passe a viver em uma condição ambígua, conciliando a rigidez do quartel e os desregramentos da malandragem, oscilando entre a ordem e a desordem, esferas que se interpenetram no conjunto da narrativa.

Mas a vida na caserna, embora ofereça certa liberdade tem suas durezas para um jovem habituado ao aconchego do espaço doméstico, e Jorge logo se aborrece com as obrigações: exercícios, plantões, alimentação precária etc., aliviando a insatisfação nas constantes escapadas. Em uma de suas folgas conhece Oscarina, personagem que dá título ao conto e provoca mudanças radicais na vida do rapaz:

Conheceu Oscarina no Mafuá de Botafogo, defronte à barraquinha das argolas:

- Duma morena assim é que eu precisava lá em casa...

Oscarina, rebolando, virou de lado, como quem não quer, mas dando corda:

- Sai, pato!... [...] Pararam em frente ao palacete colonial, branco e sem luz. Ele se admirou:

- Bonita. É aqui que você trabalha?

- É. Quer entrar? Encostava-se, balançando-se, na grade de ferro, tentadora, provocando [...]

Preferia morrer a perder uma sequer daquelas noites delirantes. Sentia desvendado para ele o segredo da vida. Que de revelações, de êxtases, peito contra peito, desejo contra desejo, a sua mocidade e a juventude dela. Com que olhos diferentes via as manhãs e as noites [...] Com que sofreguidão, à noite, se lançava nos braços mil vezes antevistos e desejados durante o dia (REBELO, 2002, p. 33-34).

Oscarina é em tudo o oposto de Zita. Enquanto esta representa o modelo tradicional da mocinha de família burguesa, casadoira, aquela tem o perfil da mulata bonita e sensual, que

em nada representa o modelo proposto pela sociedade: é liberal, vive um relacionamento com Jorge sem a necessidade de formalização através do matrimônio e sem preocupar-se com os valores e os princípios que são impostos ao sexo feminino. Dessa forma, Oscarina representa valores opostos àqueles vigentes na ordem burguesa, figurados na personagem Zita.

As próprias circunstâncias em que Jorge conhece a ambas são bem diferentes: Zita é sua antiga amiga de infância, o que sugere a ideia de inocência, pureza e docilidade. Por seu turno, o primeiro encontro de Jorge com Oscarina acontece no Mafuá de Botafogo, no qual já se dão a intimidades, inclusive ela o leva para dormir na casa onde trabalha, logo na primeira noite em que se conhecem. Os atributos e traços físicos desta personagem lembram o que Luciano Trigo menciona ao afirmar que em seus livros Marques Rebelo ajuda na construção de um modelo de mulher tipicamente brasileiro, ou, de forma mais específica, carioca: “não a musa inalcançável do ideal romântico, mas a mulher concreta, carnal, com sangue nas veias e pródiga em curvas, no corpo e no temperamento. Cheia de amor para dar” (TRIGO, 1996, p. 40).

Um aspecto a se destacar e que também é apontado por Luciano Trigo (1996) diz respeito ao modo como os episódios que remetem a essas duas mulheres são narrados. Quando o narrador apresenta a reação do protagonista ao se lembrar de que não têm condições financeiras para cumprir a proposta de casamento que faz à namorada, mergulha no interior do personagem, filtrando os pensamentos e emoções para descrever os motivos que o preocupam na ocasião. No entanto, ao relatar a cena em que o rapaz e Oscarina se veem pela primeira vez, o narrador parece assumir certa neutralidade e distanciamento, já que apresenta o diálogo entre eles tal qual ocorre, isto é, sem sua interferência, deixando para o leitor tirar suas próprias conclusões. Esse aspecto não é um traço exclusivo do conto “Oscarina”, haja vista que em todo o universo ficcional de Marques Rebelo observa-se uma oscilação entre esses dois tipos de discurso, pois o narrador “ora se insinuará nos corações e mentes de seus personagens, ora adotará um distanciamento aparente, para melhor poder registrar suas falas e ações cotidianas, sem a intermediação da ‘literatura’” (TRIGO, 1996, p. 39).

É importante frisar como a linguagem dos personagens e do próprio narrador adere ao ambiente, como se percebe no uso de expressões e gírias inerentes ao universo da “desordem” ou da malandragem. Oscarina aparece “tentadora” e “provocante”, “rebolando”, “balançando-se” na grade de ferro. Além disso, Jorge passa a viver “noites delirantes”, pensando nos momentos de “êxtase” ao se lançar nos braços “antevistos e desejados” da mulata. Verifica-se,

portanto, a incidência de termos que remetem à vida mundana, relativos à sensualidade e à satisfação dos prazeres carnavais, ou seja, à dimensão dos instintos, que fogem à esfera da ordem.

A presença de Oscarina na vida de Jorge marca a passagem deste de uma esfera a outra, isto é, da ordem para a desordem, de modo que a partir daí ele só irá declinar e retroceder moralmente: “Oscarina fazia dele gato-sapato, um pamonha que estava”, informa o narrador, que em seguida transcreve a fala da nova personagem, que passa a dar ordens e ditar “regras” para Jorge: “Você tem de sair à paisana, benzinho”, a que ele tenta reagir: “Se alguém me vê e der parte eu tomo cadeia”, mas a voz da mulher se impõe: “Você tem de sair – batia o pé. – Vê lá se eu vou ao clube com um soldado!... – e fazia beicinho de desprezo” (REBELO, 2002, p. 36); ordem a que ele, contrariado, obedece. A mudança de comportamento de Jorge é evidente. Ele, como oficial do Exército, portanto de uma instituição disciplinada e rígida, deveria prezar pelo cumprimento das normas. No entanto, a cada dia mais se distancia delas e, ao fazer isso, afasta-se também de tudo aquilo que o remete ao mundo da ordem, como a família, por exemplo, que passa a visitar cada vez menos, inclusive a noiva, esquecendo-se do compromisso que o levou a assentar praça como oficial.

Dava, com dificuldade, o laço na gravata, que estava perdendo o jeito de ser paisano e saía, se fosse para o xadrez – melhor. Caía na dança. Oscarina suave acretamente nos seus braços, reclamava quando ele apertava demasiadamente [...] Como deram passeios no Silvestre, no Saco de São Francisco e em Paquetá (onde ela nunca tinha ido e achou enjoado), deixou por três domingos seguidos de ir em casa e recebeu um bilhete aflito da mãe, indagando se estava doente e informando que a Zita tinha ido saber notícias dele, já que não aparecia. Ficou aborrecido, espichado na cama, machucando o papel nas mãos ásperas de tanto lixar cano de carabina (REBELO, 2002, p. 36).

Um dado que aponta para esse afastamento das normas pode ser percebido quando o rapaz aceita realizar os caprichos de Oscarina, indo para uma festa sem a farda, mesmo tendo ciência do risco de ser preso. Sabe-se que a farda não é uma vestimenta qualquer, pois ela representa a instituição à qual o indivíduo pertence, e aquele que a veste assume o compromisso de cumprir com seus deveres e obrigações. Funciona também como elemento distintivo entre o sujeito que serve a um determinado órgão ou instituição e o cidadão comum, podendo implicar em punição por indisciplina o fato de o indivíduo não usá-la quando estiver em serviço. Neste sentido, quando Jorge sai sem o fardamento é como se estivesse

destituindo-se de suas obrigações, libertando-se das normas e princípios que regem a instituição de que faz parte.

Ao ser atraído pelos encantos da vida mundana e aderir à “ética da malandragem” o protagonista ingressa definitivamente no universo da desordem, e aos poucos vai perdendo a identificação com o espaço familiar e com tudo que diz respeito a esse universo:

O pai estava seco, perguntava as coisas assim por alto, tinha compridos intervalos, raspando as unhas com o canivete, ou tirando fiapos das calças. Sentiu-se acanhado, fora de seu meio, como um estranho na sua casa; não compreendia os excessos da mãe em aprontar-lhe um “cafezinho bem gostoso” – com pão de ovo, daquele que você tanto gosta, sabe? –, não retribuía as festas intermináveis do Pirulito, correndo, latindo, ora saltando-lhe no colo, barriga para cima, as pernas abertas, se oferecendo a carícias. Não quis ficar para jantar, alegando que dera uma fugida e podia ser observado, o que era o diabo assim em véspera de exame, a mãe ficou triste (REBELO, 2002, p. 37).

Portanto, Jorge não mais se reconhece na casa dos pais, onde se sente acanhando, pois já não pertence àquele universo, o que é percebido não só por ele, mas também pelos próprios pais. As obrigações que antes cumpria na casa paterna dão lugar a outras, agora determinadas por Oscarina, como sugere o narrador.

Santos recebe Jorge com frieza e indiferença, demonstrando sua desaprovação às escolhas do filho. Este, por sua vez, diferentemente de quando se sentia protegido com as demonstrações de afeto da mãe, agora passa a incomodar-se com elas, haja vista que não corresponde mais às manifestações de carinho de sua família, nem mesmo consegue permanecer muito tempo ao lado deles; sente-se um estranho em sua própria casa, não mais se reconhece dentro do ambiente familiar.

Na medida em que Jorge alcança um novo posto (a cada conquista, portanto), como, por exemplo, o êxito no exame que o leva a ser promovido a cabo, aumenta o seu distanciamento em relação aos valores e princípios segundo os quais fora criado. Sua transformação mais radical se dá quando muda de nome, passando a ser conhecido por Cabo Gilabert, adquirindo, portanto, outra identidade, que ele assume sem constrangimento:

Aliás, ele achava que Gilabert soava melhor. Gilabert... – murmurava repuxando a pele, no espelhinho de pendurar, fazendo a barba. Sentia-se outro, mais forte, mais homem. Deixou crescer as costeletas. Foi à macumba da Gávea, levado pelo Cumbá, que tinha o corpo ferrado, mandou tatuar o peito com tinta verde e amarela: a pomba voando levava o coração no bico, e

dentro do coração a flecha furava o nome adorado – Oscarina (REBELO, 2002, p. 40).

A substituição de um nome por outro demonstra a troca de identidade, de modo que o protagonista passa a ser conhecido pela alcunha que lhe foi atribuída nas jogatinas que frequentava. O trecho citado evidencia que não foram apenas suas atitudes e o comportamento que se modificaram, mas juntamente com elas também a maneira de andar e vestir-se do personagem, que assume uma postura radicalmente distinta. Para confirmar essas alterações, além das zonas que já frequentava, Jorge passa também a visitar lugares onde se praticava a macumba, além de tatuar o próprio corpo com o nome de Oscarina, atitudes consideradas inadequadas pela sociedade, sobretudo pelas corporações militares. Para completar o seu processo de degradação, o personagem ainda se torna viciado em bebida e violento, passando a espancar a companheira ao se embriagar: “ele perseguiu-a, alcançou-a e bateu-lhe sem dó, cegamente, atirou-a ao chão, pisou-a [...] Ela, porém, chorava, estirada no chão, descabelada, arfando, escondendo o rosto entre as mãos” (REBELO, 2002, p. 41).

Ao término da narrativa, observa-se que o protagonista chega a realizar algumas conquistas, pois ao ser promovido conseguiu melhorar os seus vencimentos. No entanto, diferentemente do que se poderia supor, nenhuma dessas mudanças lhe proporcionou o futuro almejado pelos pais e até mesmo por ele, em tempos anteriores. Isto porque, ao sair da casa paterna e deparar-se com os prazeres mundanos que o universo da “desordem” poderia proporcionar, abandona os valores e os princípios da ordem familiar, optando por viver de forma libertina e desregrada, processo que o leva à completa degradação moral. O jovem que sonhava liberta-se financeira e “moralmente” da casa paterna acaba tornando-se um malandro cuja liberdade é limitada pela companheira Oscarina, e que apesar disso parece feliz: “ele canta sambas, num berreiro: *A malandragem Eu não posso deixááá... Não deixa mesmo, que a vida para ele é vida de malandro. [...] A vida é boa não é Oscarina? – consultara. – Eu acho*” (REBELO, 2002, p. 47). Sobre esse aspecto do conto, Frungillo afirma:

De fato, Gilabert parece feliz da vida. Parece levar uma vida alegre. Mas a sua será então uma alegria desesperada. A alegria possível aos pobres diabos que ele e Oscarina são, afinal. Antes de diagnosticar aí uma visão otimista da malandragem, parece mais correto encará-los como exemplos daquilo que Mario de Andrade chamou de “herói fracassado”, expressão que se tornou proverbial para classificar as personagens da ficção brasileira dos anos 30 (FRUNGILLO, 2001, p. 42).

Nesse sentido, a alegria e a felicidade que o casal Jorge e Oscarina manifestam não traduzem verdadeiramente a satisfação de quem conseguiu se realizar-se socialmente, mas corresponde ao sentimento de alguém que, considerando a precariedade da própria condição, não podia esperar outra muita coisa da vida. O crítico afasta a ideia de um final feliz e otimista para os personagens, situando-os na categoria de heróis fracassados, que não souberam viver em uma sociedade competitiva e se tornaram incapazes de reagir, ficando à mercê da própria sorte, figura recorrente entre os personagens do romance de 30, conforme observa Bueno (2006).

Analisando o conto “Oscarina” de uma forma geral, constata-se que toda a narrativa se estrutura com base na oposição entre dois espaços que Antonio Candido (2010) denomina de universo da ordem e universo da desordem, ou do trabalho e da malandragem. No tem-se o núcleo familiar, composto por Santos, dona Carlota e Jorge, juntamente com outros personagens que surgem no decorrer da trama, como Zita e seu pai. Mas à medida que se inicia o processo de degradação do protagonista, quando este começa a se transformar em Cabo Gilabert, vemos predominar o universo da desordem, oposto ao primeiro. Em oposição à Zita e seu amor romântico surge Oscarina, símbolo do amor carnal, e através de sua relação com o protagonista ocorre de certo modo a negação do modelo cristão de família e ao mesmo tempo a instituição de um novo modelo, que consiste em um tipo de união em que não se faz necessária a formalização através do casamento.

Cada uma dessas esferas possui uma ética, um conjunto de ideias e valores bastante particulares. De um modo geral, os personagens ocupam uma posição fixa, isto é, não saem de um universo para outro. Para se confirmar isso basta perceber que Oscarina não chega a conhecer a família do rapaz, nem os pais dele sequer imaginam que por trás das mudanças do filho havia uma presença feminina. Entretanto, através da trajetória de Jorge observa-se um movimento dialético entre os dois universos, uma convivência entre as esferas da ordem e da desordem, do trabalho e da malandragem, de acordo com a formulação de Candido (2010).

Percebe-se que o protagonista, mesmo quando estava inserido no universo familiar, já demonstrava pendor para o mundo da satisfação dos prazeres, invejando a vida daqueles que não precisavam sacrificar-se com estudos e podiam lugares de festas e diversões. Se em *Memórias de um Sargento de Milícias* o personagem Leonardo Pataca sobe à medida que deixa para trás a malandragem e casa-se com Luisinha, no conto de Marques Rebelo Jorge trilha um caminho inverso, pois opta pela desordem e entra em declínio na medida em que

sobe um degrau na escala social. A degradação moral em que termina é resultado de suas escolhas, ao renunciar ao mundo do trabalho e optar pela vida libertina e desregrada na esfera da malandragem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de trinta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: *O discurso e a cidade*. 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1998, p. 19-54.

FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: história e memória na ficção de Marques Rebelo*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, SP, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000215191&opt=4>> Acesso em: 10 jan. 2012.

NORONHA, Luiz. *Malandros: notícias de um submundo distante*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Prefeitura, 2003.

REBELO, Marques. *Contos Reunidos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TRIGO, Luciano. *Marques Rebelo: mosaico de um escritor*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996. Série Perfis do Rio, 9.

Data de recebimento: 17/10/2014

Data de aprovação: 24/11/2014